

RESUMO

Este artigo apresenta os diferentes estatutos conferidos aos sonhos

FREUD E OS SONHOS DE CRIANÇAS

[Metadata, citation and similar papers](#)

s Espinosanos (E-Journal)

principalmente as modificações propostas a respeito da deformação onírica e a importância dos sonhos infantis no tratamento analítico de adultos e de crianças. Busca-se ressaltar a importância desses aspectos como referências para a técnica analítica e a posição ética do analista diante da criança e do infantil. Apon-ta-se a importância da atuação do analista para um trabalho relevante com os sonhos na psicanálise com crianças.

Descritores: sonhos; crianças; clínica psicanalítica; Freud; psicanálise.

Daniela Provedel
Léia Prizskulnik

Introdução

Quando se pesquisa a literatura psicanalítica sobre sonhos é notória a diferença entre o número de publicações sobre sonhos de adultos e de crianças. As publicações sobre metapsicologia do sonho, técnica analítica, relatos de casos clínicos e desenvolvimentos teóricos versam principalmente sobre sonhos de adultos. (Tomazella, 1984; França, 1999).

Para alguns autores, essa disparidade existe devido à possibilidade de transpor aos sonhos de crianças o que se sabe sobre os sonhos de adultos, não havendo necessidade de desenvolvimentos específicos. Para outros, que pensam a especificidade do sonho da criança, essa diferença pode ser consequência de uma espécie de equívoco, não raro entre os analistas, que consiste em considerar os sonhos de crianças como simples, sem deformações e, geralmente, fáceis de interpretar, pois estariam a serviço de indisfarçadas realizações de desejos.

■ Mestranda em Psicologia Clínica no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, psicanalista.

■ ■ Docente do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, psicanalista.

À primeira vista, de fato os sonhos de crianças são apresentados por Freud como explícitas realizações de desejo, apenas como reações da vida psíquica da criança a estímulos ocorridos no dia anterior. Entretanto, são inúmeras as revisões e os acréscimos relevantes propostos ao longo de sua obra que apontam para um caminho razoavelmente diferente. Curiosamente, várias dessas modificações não são tão explícitas e são apresentadas em acréscimos discretos, mostrando também algumas incoerências e hesitações. Além disso, há apenas um texto em Freud que trata exclusivamente do assunto.

As hesitações freudianas a respeito do tema são compartilhadas até hoje por alguns analistas. Daí a importância de estudar os sonhos de crianças para além de seus aspectos metapsicológicos ou técnicos, mas convocando o psicanalista a rever sua posição ética diante da criança que, apesar de possíveis particularidades, é um sujeito do inconsciente.

Os sonhos de crianças em Freud

“Esse menino nunca chegará a nada”, disse Jakob Freud, após o pequeno Sigmund ter urinado no quarto de seus pais aos sete ou oito anos de idade. Essa afirmação deve ter afetado de forma terrível sua ambição, pois, como escreve Freud mais tarde, “em meus sonhos ocorrem repetidas

alusões a essa cena, constantemente unidas a enumerações de minhas realizações e meus sucessos, como se eu quisesse dizer: ‘Está vendo? No fim das contas, eu cheguei a alguma coisa’”. A última lembrança que ele teve em relação ao tema foi a de um sonho de angústia, aos seis ou sete anos, e que analisou, muitos anos depois, relacionando-o a um desejo incestuoso (Jones, 1989, p. 30).

Apesar de haver material considerável sobre a infância de Freud em biografias ou em sua obra, são poucas as referências aos sonhos ocorridos em sua infância. Jones (1989, p. 353) comenta que o interesse de Freud pelos sonhos “manifestou-se muito cedo, provavelmente em sua meninice: ele sempre sonhou muito e mesmo bem cedo não apenas levava os sonhos em consideração, como os registrava”.

Portanto, historicamente, os primeiros sonhos com que Freud se deparou foram sonhos de criança. Os seus sonhos de criança! Esses foram os primeiros sonhos *analisados* por Freud, mesmo que ainda não à luz da Psicanálise. Os sonhos de criança, além de figurarem como muito relevantes na proposição freudiana dos sonhos como realização de desejo (ao lado dos sonhos de necessidade e de conveniência), revelam, na auto-análise e na escrita de *A interpretação dos sonhos*, interessantes peculiaridades de Freud e dos analistas.

A análise de sonhos infantis, em Freud, é bastante anterior aos seus

primeiros escritos sobre a psicanálise com crianças. Ainda em meados da década de 1890, bem antes da publicação de *A interpretação dos sonhos*, análises de sonhos de crianças, essencialmente de seus filhos e também seus próprios sonhos infantis recordados, figuram na obra freudiana como elementos primordiais no cenário do nascimento da Psicanálise.

Em carta a Fliess de 4 de março de 1895 (carta 22), Freud (1950 [1892-1899] / 1996a, p. 260) apresenta o que parece ser seu primeiro relato de análise de um sonho de que se tem registro. Ao analisar um sonho do sobrinho de Breuer, estudante de medicina, indica a realização de desejo como sua possível motivação. Porém, “que a realização de um desejo oculto constitui a essência de um sonho”, confirmou-se em Freud pela primeira análise completa que realizou de um de seus próprios sonhos, o memorável sonho da “Injeção de Irma”, em julho de 1895 (Jones, 1989, p. 350).

Se o mistério dos sonhos foi revelado ao Dr. Sigmund Freud em Bellevue, dois anos depois, em excursão com a família em Aussee, a pequena Anna, sua filha de 19 meses, sonha com os célebres morangos. É, então, que Freud relata pela primeira vez um sonho de criança, na carta a Fliess de 31 de outubro de 1897 (carta 73). Trata-se deste sonho de Anna, que, posteriormente, juntamente com o sonho de Irma, foi apresentado em *A interpretação dos sonhos* e em outros momentos da obra freudiana como um dos

exemplos incontestáveis de sua tese do sonho como realização de desejo: “Você acha que a fala das crianças durante o sono também pode ser encarada como sonho? Se for assim, posso presentear-lo com os mais recentes sonhos de realização de desejos: Aninha, um ano e meio de idade. Um dia, em Aussee, ela teve de ficar sem comer porque passou mal de manhã, o que foi atribuído ao fato de ter comido morangos. Durante a noite seguinte, ela recitou um cardápio inteiro no sono: ‘Molangos, molangos silvestres, omelete, pudim!’ ” (Freud, 1950 [1892-1899] /1996b, p. 318).

Martin, filho de Freud, relata que, durante a elaboração de *A interpretação dos sonhos*, o pai discutia livremente o assunto com a família e que todos haviam sido informados da elaboração do livro, sendo inclusive encorajados por Freud a contarem seus sonhos, atitude acolhida com entusiasmo por todos. “Ele chegou a nos explicar em linguagem simples o que se poderia entender sobre os sonhos, sua origem e significado”, relata Martin (Gay, 1989, p. 127).

De fato, em seu livro sobre os sonhos, as produções oníricas infantis tomam um lugar essencial, e revisões consideráveis, em edições posteriores, foram acrescentadas¹. Porém, os sonhos de crianças apresentam-se, em Freud, quase que exclusivamente como exemplos vinculados à validação e à fundamentação dos sonhos e do psiquismo dos adultos, principalmente sustentando o argumento cen-

tral sobre a função de realização de desejo dos sonhos, mesmo após a elaboração de sua segunda teoria das pulsões.

Os sonhos infantis, de maneira exclusiva e específica, são pouco abordados na obra freudiana e apresentam oscilações interessantes, principalmente no que se refere à questão da deformação. Porém, como aponta Monzani (1989), não é possível efetuar uma análise exaustiva da obra de Freud sobre os sonhos das crianças, uma vez que sua proposta foi de uma tendência de pensamento, uma orientação e não uma solução. Buscamos, portanto, trabalhar os tópicos principais que abordam o assunto.

Após alguns exemplos de sonhos infantis encontrados em suas publicações pré-analíticas, é na primeira edição de *A interpretação dos sonhos* que Freud retoma esses exemplos, propondo, mais enfaticamente, os sonhos de crianças como uma realização – *sem deformações* – de desejos não satisfeitos no dia, uma reação da vida mental da criança à experiência do dia precedente, não apresentando complexidade quanto à sua solução, pois eram breves, coerentes e sem ambigüidades (Freud, 1900/1996c).

Freud, no capítulo “O sonho é a realização de um desejo”, comenta diversos sonhos infantis, inclusive o de Anna, equiparando-os aos sonhos de conveniência em que necessidades fisiológicas ou desejos não satisfeitos do dia anterior (de adultos ou crianças) são aplacados de maneira simples

e com pouca deformação (Freud, 1900/1996c, pp. 158-167). Ele escreve: “É de esperar que encontremos as mais simples formas de sonhos nas crianças, já que não há dúvida alguma que suas produções psíquicas são menos complicadas que a dos adultos.... Os sonhos de crianças pequenas são *frequentemente* puras realizações de desejos e são, nesse caso, muito desinteressantes se comparados com os sonhos dos adultos. Não levantam problemas para serem solucionados, mas por outro lado, são de inestimável importância para provar que, em sua natureza essencial, os sonhos representam realizações de desejos. Pude reunir alguns exemplos desses sonhos a partir de material fornecido por meus próprios filhos.” (Freud, 1900/1996c, pp. 161-162, *italico nosso*).

Segundo Strachey (1996a, p. 161), Freud acrescentou em 1911 o advérbio *frequentemente*, indicando provavelmente que, a partir de então, passou a considerar a existência de distorção em sonhos de crianças, mas fazendo a ressalva de que se tratava de crianças a partir de quatro ou cinco anos de idade. Citando Jones, ele esclarece que esta nota de rodapé foi acrescentada após protesto de Jung.

Entretanto, a respeito da deformação onírica, é importante mencionar o sonho de Robert, filho de Fliess. Segundo Strachey (1996b, p. 294), esse sonho foi citado inicialmente por Freud nas cartas a Fliess, e depois trabalhado em *A interpretação dos sonhos*. No estudo desse sonho, Freud mostra que, paulatinamente, conforme se dá a sedimentação da censura, é possível encontrar deformação onírica precocemente. Afirma que: “Uma criança com menos de quatro anos de idade sonhou com um prato enorme com um grande pedaço de carne assada e legumes. De repente, toda a carne foi comida – inteira e sem ser destrinchada, ele não viu a pessoa que comeu. Quem teria sido a pessoa desconhecida cujo suntuoso banquete de carne constitui o tema do sonho do menininho?... Por ordem médica, ele fora submetido a uma dieta de leite nos últimos dias. Na noite do dia do sonho ele se mostrara travesso e, como castigo, fora mandado para a cama sem jantar.... Sabia que não conseguiria nada, mas não se permitia demonstrar, nem mesmo por uma única palavra, que estava com fome. A educação já começara a surtir efeito nele: encontrou expressão em seu sonho, que exhibe o início da distorção onírica. Não há nenhuma dúvida de que a pessoa cujos desejos eram visados nessa generosa refeição – de carne, ainda por cima – era ele próprio. Mas, como sabia que isso não lhe era permitido, ele não se aventurou a sentar-se pessoalmente para desfrutar a refeição, como

fazem as crianças famintas nos sonhos. (Cf. o sonho de minha filhinha Anna com os morangos) A pessoa que se serviu da refeição permaneceu no anonimato.” (Freud, 1900/1996c, pp. 294-295).

Em 1909, no relato do caso clínico de Herbert Graf, o “Pequeno Hans”, podem-se encontrar novamente hipóteses de Freud sobre a distorção nos sonhos de crianças, hipóteses certamente decorrentes de suas teorias sobre a sexualidade infantil e sobre o complexo de Édipo já mais sedimentadas, e que ganham relevância clínica nesse caso. Freud escreve que “Hans confirma da maneira mais concreta e sem compromisso o que eu tinha dito na minha A Interpretação dos Sonhos (1900, na Seção D do Capítulo V) com respeito às relações sexuais de uma criança com seus pais. Hans era realmente um pequeno Édipo que queria ter seu pai ‘fora do caminho’, queria livrar-se dele, para que pudesse ficar sozinho com sua linda mãe e dormir com ela”. (Freud, 1909/1996d, p. 103).

Nesse tratamento supervisionado por Freud e conduzido pelo pai de Hans, vários sonhos são relatados e é extensivo o trabalho de interpretação realizado por Freud em conjunto com o pai do paciente. Um sonho de angústia de Hans ganha destaque nesse cenário e parece ser um bom exemplo do trabalho onírico na criança e suas vicissitudes à semelhança dos adultos: “o menino tinha acordado de um sonho de ansiedade, cujo conteú-

do era que sua mãe tinha ido embora e que agora ele não tinha mãe para fazer carinho. Esse sonho, por si só, aponta para a presença de um processo repressivo de intensidade ominosa. Não podemos explicá-lo, como podemos explicar tantos outros sonhos de ansiedade, supondo que a criança tenha sentido nesse sonho a ansiedade surgindo de alguma causa somática e tenha feito uso da ansiedade com a finalidade de realizar um desejo inconsciente que, de outra forma, teria sido profundamente reprimido. Precisamos encará-lo mais como um sonho genuíno de punição e repressão, e, além disso, como um sonho que falhou na sua função, já que a criança acordou do seu sono num estado de ansiedade. Podemos facilmente reconstruir o que, de fato, ocorreu no inconsciente. A criança sonhou que estava trocando carinhos com sua mãe e dormindo com ela, mas todo o prazer foi transformado em ansiedade, e todo o conteúdo ideativo, no seu oposto. A repressão derrotou a finalidade do mecanismo de sonhar (Freud, 1909/1996d, p. 108).

Em 1911, Freud (1900/1996b) acrescenta outras relevantes notas de rodapé (por ex. na p. 161 e na p. 167) também no capítulo “O sonho é a realização de um desejo”, indicando claramente que *há distorções nos sonhos infantis*. Na primeira edição de *A interpretação dos sonhos*, ainda estava se desvencilhando de sua teoria da sedução e, neste capítulo, chegou a propor, partindo da idéia da *felicidade infantil* e da criança como *inocente de desejos sexuais*, que os sonhos de crianças não possuíam qualquer deformação: “Embora tenhamos em alta conta a felicidade da infância, por ser ela ainda inocente de desejos sexuais, não nos devemos esquecer da fonte fértil de decepção e renúncia, e conseqüentemente de estímulo ao sonho, que pode ser proporcionada pelas duas outras grandes pulsões vitais.” (Freud, 1900/1996c, pp. 164-165).

É, então, que acrescenta uma ressalva a seu comentário da criança inocente numa nota de rodapé: “Um estudo mais detido da vida mental das crianças ensinou-nos, por certo, que as forças pulsionais sexuais, em sua forma infantil, desempenham um papel bastante relevante, que tem passado despercebido por demasiado tempo, na atividade psíquica das crianças. Também esse estudo mais detido deu margem para sentir algumas dúvidas no tocante à felicidade da infância, tal como tem sido retrospectivamente concebida pelo adulto.” (Freud, 1900/1996c, p. 165).

Ainda em 1911, Freud, (1900/1996c, p. 165) em uma extensa nota de rodapé, cita uma série de autores que abordaram os sonhos

infantis e comenta que as crianças logo começam a ter sonhos *mais complicados e menos transparentes*, e que os adultos também têm *sonhos de caráter similarmente simples e infantil* em algumas circunstâncias relacionadas à privação e às necessidades físicas. Porém, em *A interpretação dos sonhos* e nas *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, Freud alerta que os sonhos com pouca deformação, tanto em adulto como em crianças, não se originam necessariamente de necessidades fisiológicas, Freud refere-se repetidas vezes aos desejos sexuais infantis recalcados como a maior fonte motriz dos sonhos.

Esse acréscimo sobre a existência de distorção nos sonhos de crianças é repetido nas *Conferências introdutórias sobre psicanálise* no capítulo “Sonhos de crianças”, único texto da obra freudiana destinado exclusivamente ao assunto. Aí Freud também enfatiza a deformação onírica presente em crianças a partir de aproximadamente cinco anos. Sobre os sonhos de crianças, de modo geral, ele escreve que “são breves, claros, coerentes, fáceis de entender, sem ambigüidade; não obstante, são sonhos indubitavelmente. Os senhores, porém, *não* devem supor que todos os sonhos de crianças sejam desse tipo. A deformação onírica já inicia bem no início da infância, e têm sido relatados sonhos sonhados por crianças entre 5 e 8 anos que possuem todas as características de sonhos de idade maior.” (Freud, 1917 [1915-1917] /1996e, p. 129, itálico nosso).

Freud dedica onze conferências – toda a Parte II de suas *Conferências introdutórias sobre psicanálise* – aos sonhos em seus aspectos teóricos e clínicos. Para isso, utiliza-se amplamente dos sonhos de crianças como o fez em *A interpretação dos sonhos*. Porém, suas teses centrais sobre o sonho como realização de desejo baseiam-se nos sonhos de crianças mais novas, em *início de atividade mental*, que proporcionariam satisfação direta e indisfarçada de desejo, como qualquer sonho de adulto após sua interpretação. Ele afirma: “se os senhores se limitarem à faixa etária entre o início da atividade mental observável e o quarto ou quinto ano, encontrarão numerosos sonhos portadores das características que se podem descrever como ‘infantis’.... Nenhuma análise, nenhuma aplicação de qualquer técnica é necessária para compreender esses sonhos.... Como podemos ver, esses sonhos de crianças não são absurdos. São atos mentais inteligíveis, completamente válidos.... De fato, seria por demais estranho se as crianças pudessem executar atos mentais completos, em seu sono, enquanto os adultos se contentassem, sob as mesmas condições, com reações que não fossem nada mais que ‘repuxões’.... Esses sonhos não apresentam qualquer deformação onírica e, por conseguinte, não exigem nenhuma atividade interpretativa. Neles, o sonho manifesto e o latente coincidem. Assim, a deformação onírica não faz parte das características essenciais do sonho.”

(Freud, 1917 [1915-1917] /1996e, pp. 129-131).

Entretanto, ainda nesse texto, Freud faz uma ressalva de grande relevância, indicando que, se o trabalho do sonho e suas deformações não são as características primordiais do sonho de crianças mais novas, há ao menos uma deformação para que ocorra o sonho. Essa deformação decorre do fato de o sonho ter como uma de suas principais funções preservar o sono e, neste movimento, a realização de desejo possui um caráter de satisfação alucinatória, um caráter regressivo. Freud alerta que “quando examinarmos esses sonhos mais detidamente, reconheceremos, mesmo neles, uma pequena parcela de deformação onírica, determinada diferença entre o conteúdo manifesto do sonho e os pensamentos oníricos latentes.... Um sonho de uma criança é uma reação a uma experiência do dia precedente, a qual deixou atrás de si uma mágoa, um anelo, um desejo que não foi satisfeito. O sonho proporciona uma satisfação direta, indistinta, desse desejo... um sonho não apenas confere expressão a um pensamento, mas também representa o desejo sendo satisfeito sob a forma de uma experiência alucinatória. ‘Gostaria de ir ao lago’ é o desejo que origina o sonho. O conteúdo do sonho propriamente dito é: ‘Estou indo ao lago’. Portanto, mesmo nesses simples sonhos de crianças, há uma diferença entre o sonho latente e o sonho manifesto, há uma distorção do pensa-

mento onírico latente: a transformação de um pensamento em uma vivência.” (Freud, 1917 [1915-1917] /1996e, pp. 131-132).

Mais adiante, ainda no mesmo texto, após percorrer um caminho semelhante ao da *Traumdeutung* em relação à sustentação, através dos sonhos de crianças, de suas proposições sobre os sonhos dos adultos, afirma, então, algo que já enunciara em seu livro dos sonhos, mas o faz de uma maneira peculiar: “*todos os sonhos são sonhos de crianças*, eles operam com o mesmo material infantil, com os impulsos e mecanismos mentais da infância.” (Freud, 1917 [1915-1917] /1996e, p. 215, *italico nosso*). Aqui, ele não compara o sonho do adulto com o da criança, ele os iguala. Mesmo que essa frase seja apenas um recurso literário de Freud, ela é bastante relevante.

Posteriormente, em *História de uma neurose infantil* de 1918 – o caso do “Homem dos Lobos” – Freud confere mais uma vez, num de seus importantes casos clínicos, um lugar preponderante a sonhos relatados pelo paciente, tanto nos aspectos teóricos que puderam ser decantados do atendimento, como em relação à técnica psicanalítica. Nota-se que os sonhos infantis de angústia, tanto no “Pequeno Hans” como no “Homem dos Lobos”, são apresentados por Freud ao mesmo tempo como um dos importantes fatores que fizeram eclodir a neurose de ambos os pacientes e como significativos pontos de partida para o tratamento.

Para Strachey (1996c, p. 17) a importância desse caso clínico à época de sua publicação se deveu também aos subsídios que forneceu para as críticas de Freud a Adler e, mais especificamente, a Jung. Havia nele evidências conclusivas para combater qualquer recusa da sexualidade infantil. Neste caso, especificamente, há ainda uma particularidade do sonho principal relatado pelo paciente, um sonho de infância, o sonho de angústia com os lobos. Através do tratamento, os caminhos aonde leva o sonho remetem à cena primária – ou à fantasia desta – e à angústia de castração.

A relevância que Freud dá a esse feito pode ser notada em alguns comentários que redigiu em periódicos à época do tratamento, resgatados por Strachey: “Ficaria satisfeito se todos os meus colegas que se preparam para ser analistas coligissem e analisassem cuidadosamente quaisquer sonhos de seus pacientes cuja interpretação justifique a conclusão de que *aqueles que os tiveram tenham sido testemunhas de um ato sexual nos primeiros anos de vida*. Uma sugestão é sem dúvida suficiente para tornar evidente que tais sonhos são de um valor muito especial, em mais de um aspecto. Apenas esses sonhos podem, é

claro, ser considerados como indicativos de que ocorreram na infância, e são lembrados a partir desse período.” (Freud, 1918[1914] /1996f, p. 16, *itálico do autor*).

Apesar de alguns excessos interpretativos, Freud faz as ressalvas necessárias no texto, indicando que não se trata necessariamente da recordação de uma cena real, mas talvez de sua reprodução como fantasia. Neste sentido podemos encontrar uma pista sobre a técnica analítica dos sonhos infantis em Freud, em que ele comenta que “o analista precisa emprestar à criança palavras com que ela não conta em seu pré-consciente” (França, 1999, p. 41).

Ainda nesse caso clínico, Freud (1918[1914] /1996f, p. 21) afirma que, apesar das dificuldades da análise dos sonhos de crianças, esses sonhos não são “nem mais pobres nem mais claros do que os de adultos”. Ele ressalta os obstáculos às associações verbais na criança, mas ao mesmo tempo, proporciona um estímulo fundamental para a investigação dos sonhos infantis quando afirma de modo resolutivo que “A análise de neuroses infantis possui um interesse teórico particularmente alto, proporciona-nos tanta ajuda na compreensão das neuroses dos adultos quanto os sonhos infantis em relação aos sonhos dos adultos...ainda por não haver tantos depósitos posteriores, a essência da neurose salta aos olhos com uma nitidez inequívoca.” (Freud, 1918[1914] /1996f, p. 20).

Mais tarde, ainda sob efeito do sonho do “Homem dos Lobos”, Freud acrescenta, em 1919, uma modificação no capítulo sobre o “Esquecimento dos sonhos” de *A interpretação dos sonhos*, declarando que “sonhos que ocorrem nos primeiros anos da infância e que são guardados na memória por dezenas de anos, freqüentemente com uma vividez sensorial completa, são quase sempre muito relevantes para o entendimento da história do desenvolvimento psíquico do sujeito e de sua neurose.” (Freud, 1900/1996c, p. 554).

Essa importância dos sonhos no tratamento analítico, principalmente no sentido da recuperação de conteúdos infantis, é retomada por Freud em *Um estudo autobiográfico*: “A análise... também se beneficia do fato de que os sonhos têm acesso ao material esquecido da infância e assim acontece que a amnésia infantil é, na sua maior parte, superada em relação com a interpretação de sonhos. Nesse sentido, os sonhos realizam uma parte do que era anteriormente tarefa do hipnotismo.” (Freud, 1925[1924] /1996g, p. 50).

Ainda no mesmo texto, acrescenta uma explicação que parece bastante relevante para a compreensão de uma das possíveis razões

da deformação onírica nas crianças ser menos acentuada: “O caso de crianças nos proporciona um teste convincente da validade da nossa teoria dos sonhos. *Nelas os vários sistemas psíquicos ainda não se acham acentuadamente divididos e as repressões ainda não se tornaram profundas*, de modo que amiúde nos deparamos com sonhos que nada mais são do que realizações indisfarçadas de impulsos impregnados de desejos que sobraram da vida de vigília. Sob a influência de necessidades imperativas, os adultos podem também produzir sonhos desse tipo infantil.” (Freud, 1925[1924] /1996g, p. 50, *itálico nosso*).

Também em 1925, ainda sobre sonhos de crianças, uma observação que merece bastante consideração é incluída por Freud (1900/1996b, p. 193) no capítulo sobre “Distorção nos sonhos” em nota de rodapé. Nela, o autor combate enfaticamente as críticas que recebera sobre o comentário contido neste capítulo no qual afirma que “o sonho é uma realização (disfarçada) de um desejo (suprimido ou recalçado)”. Segundo ele, seus opositores, “de maneira inescrupulosa”, acusaram-no de considerar que “todos os sonhos têm um conteúdo sexual”. A isso, Freud responde já se remetendo à sua segunda teoria das pulsões: “A situação seria diferente se ‘sexual’ fosse empregado por meus críticos no sentido que é agora comumente utilizado na psicanálise – no sentido de ‘Eros’. Mas é muito pouco provável que meus opositores tenham

tido em mente o interessante problema de determinar se todos os sonhos são criados por forças pulsionais 'libidinais', em contraste com as forças 'destrutivas'." (Freud, 1900 /1996c, p. 193).

Freud cita, mais uma vez, sonhos de crianças anteriormente apresentados que são exatamente os sonhos de sobrinhos e de sua filha Anna, para sustentar que nem sempre se tratam de sonhos de realização de desejo sexual.

Mais adiante, em seus últimos escritos, Freud acrescenta importantes contribuições sobre os aspectos técnicos e metapsicológicos dos sonhos, porém, não há mais desenvolvimentos específicos sobre os sonhos infantis, exceto em 1937, num pequeno, mas relevante comentário no texto "O retorno do recaiado" em *Moisés e o monoteísmo* (Freud, 1939[1934-38] /1996h).

Nesse texto, ele escreve que o que as crianças de dois anos de idade viveram e não puderam compreender, "nunca precisa ser recordado por elas, exceto em sonhos; elas só podem vir a saber disso através do tratamento psicanalítico" (Freud, 1939[1934-38] /1996h, p. 140).

Freud também acrescenta que, posteriormente, esse não-significado, não-simbolizado, irá configurar algo da ordem do desejo infantil indestrutível que insiste em retornar, que irrompe na forma de sintomas e outras formações do inconsciente. Ele enfatiza, como já o fez em textos anteriores, que a "influência compulsiva mais forte surge de impressões que incidem na criança numa época em que teríamos de encarar seu aparelho psíquico como ainda não completamente receptivo" (p. 140). É, então, que Freud, a respeito dos "acontecimentos determinantes que ocorrem nas primeiras épocas infantis" do inconsciente e da formação das neuroses, adverte que "o acento não se coloca sobre o tempo, mas sobre os processos pelos quais o acontecimento é enfrentado, pela reação a ele" (Freud, 1939[1934-38] /1996h, p. 141).

Retomando o percurso de Freud sobre os sonhos infantis, é inegável a importância que ele confere ao tema em sua obra. Ele parte de certa hesitação no momento em que está abandonando aos poucos a teoria da sedução, em que a criança ainda é apresentada como relativamente inocente, mas depois, em novos textos e notas de rodapé, principalmente em *A interpretação dos sonhos*, reforça suas teses sobre o desejo infantil e a deformação onírica presente em crianças a partir de quatro ou cinco anos de idade, mas quase sempre com a ressalva de que são sonhos de fácil interpretação.

Os sonhos de crianças mais novas, menores de quatro anos, principalmente de seus parentes e filhos de amigos, permaneceram predominantemente em seus escritos com caráter de realização de *vontades* ou *necessidades* simples, porém com a ressalva de que, no mínimo, a deformação peculiar à regressão, à satisfação alucinatória de desejo, acontece nesses sonhos.

A partir do “Homem dos Ratos”, mas principalmente no “Homem dos Lobos”, nota-se uma maior valorização dos sonhos infantis em direção ao esclarecimento das neuroses adultas, em situação de tratamento. Nesse momento, o acento recai sobre a etiologia das neuroses, fantasia e teorias sexuais infantis, e o sonho aparece como uma via primordial para a recuperação de lembranças infantis, a elaboração da fantasia e o processo de construção em análise. Essa função de recuperação da amnésia infantil através dos sonhos infantis recordados pelo adulto é o ponto de maior uniformidade e constância apresentada por Freud sobre o assunto até o final de sua obra.

Mais adiante, na elaboração de sua segunda teoria pulsional, Freud confere aos sonhos traumáticos de adultos um lugar fundamental, porém, à luz de sua nova teoria, fez pequenos acréscimos aos sonhos de crianças. Sobre as possíveis causas da pouca deformação em sonhos de crianças, Freud, após a elaboração da segunda tópica, aponta que isso se deve ao fato

de os vários sistemas psíquicos ainda não estarem acentuadamente divididos e as repressões ainda não se terem tornado profundas na criança. Porém, a função do sonhar na criança e a importância dos sonhos infantis à época em que são produzidos, permanecem predominantemente voltados à função de elaboração de necessidades não satisfeitas do dia anterior ao sonho.

Sonhos de crianças e a psicanálise com crianças

Apesar de ser notória em Freud “uma tendência a interpretar os sonhos de crianças como satisfação prazenteira de desejos” (Garma, 1991, p. 268), em outros estudos podem ser evidenciadas as particularidades da constituição da criança como sujeito e seus aspectos traumáticos implicados nos sonhos. Grotjahn pesquisou sonhos de uma criança de dois anos de idade em que há nitidamente algo que ultrapassa a realização de desejo. Para ele, embora o sonho com conteúdo de comida pareça agradável à criança e possa ser facilmente considerado como satisfação alucinatória de desejo, há sonhos comuns nessa idade com animais e outros elementos que indicam que a criança está “lutando com emoções fortes e estranhas que não pode elaborar completamente durante a excitação e rapidez da realidade e, conseqüentemente, tenta elaborar e repetir em seus sonhos” (Grotjahn, 1993, p. 590, tradução nossa).

Assim, por meio do entendimento do trauma como referente ao encontro do sujeito com a pulsão e como a ameaça à integridade narcísica, pode-se pensar que os sonhos das crianças comportam essa lógica traumática como os dos adultos e, inerente a essa lógica, há também o desejo de controlar o trauma. Para exemplificar, se retornarmos ao sonho de Anna Freud, a partir dessa perspectiva, nada nos garante que ao proferir o cardápio de guloseimas almeçadas tratava-se realmente da satisfação de um desejo. A pequena Anna poderia estar em meio a um sonho angustiante e clamando pelos tais morangos proibidos. A partir daí o desejo de Anna não é de morangos, mas também de contornar esse buraco da não-existência de objeto que satisfaça a pulsão.

Em relação à criança, adicionam-se a essas questões outros empecilhos, como a produção de associações a partir de sonhos ou até questões cognitivas como a não-diferenciação entre sonho e vivências

da vida desperta no caso de crianças mais novas. Porém, o analista que de fato valoriza o sonho na clínica com crianças pode fazer intervenções para que esse trabalho seja efetivo. Na psicanálise com crianças devemos deslocar a responsabilidade do trabalho com sonhos também para o analista.

Gensler (1994) ressalta que a influência do interesse do analista é geralmente ignorada e não há estudos ou referências ao efeito desse interesse na clínica do sonho de crianças. Segundo ele, quando a criança percebe que o analista valoriza os sonhos ela os reporta com mais frequência e pode, então, através do jogo, do desenho ou de histórias, fazer associações sobre o material onírico. Relata que alguns analistas solicitam sonhos e ensinam explicitamente às crianças seu valor e comenta que, sem encorajamento, dificilmente as crianças reportam detalhes de seus sonhos ou associam livremente a respeito.

Assim, sugere-se que, além de suas fundamentações teóricas e metapsicológicas, os sonhos de crianças e suas possíveis particularidades na clínica psicanalítica podem estar atrelados às atribuições conferidas pelos analistas ao significante criança, ao posicionamento ético do analista diante da criança e do infantil e à localização da infância na trama histórico-social em que esses termos estão inseridos.

Freud em *O interesse científico da psicanálise* (1913/1996i) nos remete ao radical enigma do encontro com a criança: “*não podemos entender as crian-*

ças porque não mais entendemos a nossa própria infância. Nossa amnésia infantil prova que nos tornamos estranhos à nossa infância”. (p. 185, *italico* nosso).

Pensar a atitude do analista perante os sonhos infantis é convocá-lo a posicionar-se diante dos princípios da psicanálise e suas implicações éticas. Convoca-o a pensar sobre a constituição do sujeito e sobre a tensão dilacerante entre sua própria condição de sujeito e de analista. Esta é sua responsabilidade. ■

FREUD AND CHILDREN'S DREAMS

ABSTRACT

This article presents the different statutes attributed by Freud to children's dreams and the most important revisions made over the duration of his work. The main issues discussed are the modifications proposed about the oniric deformation and the importance of children's dreams in analytical treatment for adults and kids. The importance of these aspects is highlighted and becomes a reference for the analytical technique and the ethical position of the analyst in the presence of the child and the infantile. It shows the performance of the analyst as being of importance to enable a relevant work, with dreams in children's psychoanalysis.

Index terms: *dreams; children; psychoanalytical clinic; Freud; psychoanalysis.*

FREUD Y LOS SUEÑOS DE NIÑOS

RESUMEN

Este artículo presenta los distintos códigos atribuidos a los sueños de los niños por Freud y las revisiones más importantes hechas a lo largo de su obra. Principalmente son encaradas las modificaciones propuestas con respecto de la deformación onírica y la importancia de los sueños infantiles en el tratamiento analítico en adultos y niños. Se busca resaltar la importancia de esos aspectos como puntos de referencia para la técnica analítica y la posición ética del analista delante del niño y de lo infantil. Se

señala la importancia de la actuación del analista para que pueda existir un trabajo relevante con sueños en el psicoanálisis con niños.

Palabras clave: *sueños; niños; clínica psicoanalítica; Freud; psicoanálisis.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- França, C. P. (1999). Não foi nada disso o meu sonho! *Psychê*, 4, 39-52.
- Freud, S. (1996a). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess – Carta 22. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 1, p. 219-331). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1950).
- Freud, S. (1996b). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess – Carta 73. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 1, p. 219-331). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1950).
- Freud, S. (1996c). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vols. 4 e 5, p. 15-700). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1996d). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 10, p. 13-273). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1909).
- Freud, S. (1996e). Conferências introdutórias sobre psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 15, p. 13-240). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1916-1917).
- Freud, S. (1996f). História de uma neurose infantil. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 17, p. 15-129).

- Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1918).
- Freud, S. (1996g). Um estudo autobiográfico. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 20, p. 11-78). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (1996h). Moisés e o monoteísmo. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 23, p. 15-150). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1939).
- Freud, S. (1996i). O interesse científico da Psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 13, p. 169-192). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1913).
- Gay, P. (1989). *Freud: Uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Garma, A. (1991). *Tratado maior da psicanálise dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago.
- Gensler, D. (1994). Soliciting dreams in child psychoterapy: the influence of the therapist's interest. *Contemporary Psychoanalysis*, 30(2), 367-395.
- Grotjahn, M. (1993). Dream observations in a two-year-four-months-old baby. In T. M. Alston, R. C. Calogeras & H. Deserno (Edit), *Dream reader: Psychoanalytic articles on dream* (p. 585-591). Madison, Connecticut: International Universities Press.
- Jones, E. (1989). *A vida e a obra de Sigmund Freud. Vol. I*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Monzani, L.R. (1989). *Freud: Movimento de um pensamento*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- Strachey, J. (1996a). Nota de rodapé. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. 4, p. 161). Rio de Janeiro: Imago.
- Strachey, J. (1996b). Nota de rodapé. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. 4, p. 294). Rio de Janeiro: Imago.
- Strachey, J. (1996c). Nota do editor inglês. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. 17, p. 15-18). Rio de Janeiro: Imago.
- Tomazella, L. S. (1984). *Um levantamento de características do conteúdo de sonhos em crianças de seis anos de idade*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

NOTA

- 1 Segundo o editor inglês, depois dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade infantil*, o livro *A interpretação dos sonhos* foi o mais revisado por Freud até o fim de sua vida.

danielaprovedel@gmail.com
leiapris@usp.br

Recebido em junho/2008
Aceito em agosto/2008